





EX-LIBRIS



BORBA
MORAES

RUBENS BORBA ALVES DE MORAES

ANTHOLOGIA POÉTICA
DE JOSÉ ALBANO

Emoi kai Mousais

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EX TYPIS ASSIS BEZERRA
FORTALEXIÆ, 1918

ANTHOLOGIA POÉTICA
DE JOSÉ ALBANO

Emoi kai Moúsais

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EX TYPIS ASSIS BEZERRA
FORTALEXIÆ, 1918

POESIA LÍRICA

ODE Á LINGUA PORTUGUEZA

Lingua minha, se agora a voz levanto,
Pedindo á Musa que me inspire e ajude,
Sómenté sôe em teu louvor o canto,
Inda que a lyra seja fraca e rude ;
E tudo quanto sinto na alma, e digo,
Já que na alma não cabe,
Comtigo viva e acabe—só comtigo.

Lingua minha dulcisona e canora,
Em que mel com aroma se mistura,
Agora leda, lastimosa agora,
Mas não isenta nunca de brandura ;
Lingua em que o affecto santo inflúe e ensina
E derrama e prepara
A música mais rara — e mais divina.

Lingua na qual eu suspirei primeiro,
Confessando que amava, ás auras mansas
E agora choro, á sombra do salgueiro,
Os meus passados sonhos e esperanças;
Na qual me fez ditoso em tempo breve
Aquella doce falla
Que outra nenhuma iguala — nem descreve.

Lingua em que o meu amor fallou d'amores,
Em que d'amores sempre andei cantando,
Em que modúlo os mais encantadôres
E deleitosos sons de quando em quando
E espalho accentos inda nunca ouvidos
De maguas e de gosos,
Queixumes amorosos — e gemidos.

Sempre e sempre te eu veja meiga e pura
Naquella singelleza primitiva,
Naquella verdadeira formosura
Que farei que no verso meu reviva.
E, se apenas um pouco se revela
D'esse encanto jucundo,
Ha-de mostrar ao mundo—quanto és bella.

Outros andam o teu sublime aspecto
D'ornamentos estranhos encobrando
Sem saber o que tens de mais secreto,
De mais maravilhoso e de mais lindo :
Em ti já não se nota o mesmo agrado
E eu não te reconheço,
Se o teu valor e preço—é rejeitado.

Quanta e quamanha dôr me surge e nasce
De nunca ouvir aquelle antigo estylo,
Mas eu fiz que elle aqui se-renovasse,
Para que o mundo emfim pudésse ouvi-lo.
E com todo o poder d'engenho e d'arte
Foi sempre o meu desejo
Vêr-te qual te ora vejo—e celebrar-te.

Ah! como assim me enlevas e me encantas,
Ora chorando e rindo, ora gemendo ;
E, se te outros offendem vezes tantas,
Embora solitario, eu te defendo :
Eu te defenderei sem têr descanso
E em luta não ingloria
Tu verás que a victoria — e a palma alcanço.

E em pago d'isto peço que me imprimas
Maior ternura na alma e não ma aggraves ;
Dá-me versos dulcíssimos e rimas
Eternas, peregrinos e suâves :
Dá-me uma voz melodiosa e amena,
Para que noute e dia
Diga a minha alegria — e a minha pena.

E não quero um som alto e retumbante
Para cantar d'amor ao mundo attento,
Pois não ha lingua que d'amor não cante,
Mas nenhuma traduz o meu tormento ;
Nenhuma se conhece que traslade,
Afóra tu sómente,
Do coração dõente — a saúde.

das Rimas.

SONETO I

Poëta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura,
Conheci mais tristeza que ventura
E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino
Que tanto engana, mas tão pouco dura,
E inda choro o rigor da sorte escura,
Se nas dôres passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
Dos sonhos que sonhava noute e dia
E só com saüdades, me atormento ;

Entendo que não tive outra alegria
Nem nunca outro qualquer contentamento,
Senão de têr cantado o que soffria.

das Rimas.

SONETO 11

Ditoso quem foi sempre desamado
Nem nunca na alma viu pintar-se o goso
Que' lhe promette estado venturoso
Para depois deixá-lo em triste estado.

Já me de todo agora persuãdo
De que não pôde haver brando repouso
E do affecto mais doce e deleitoso
Se gera ás vezes o maior cuidado.

Não quero bôa sorte nem sonhá-la,
Pois logo passa, apenas se revela,
Com uma dôr que outra nenhuma iguala.

Mas quem desconheceu benigna estrella,
Se não teve a alegria d'alcançá-la,
Nunca teve o desgosto de perdê-la.

das Rimas.

SONETO III

Amar é desejar o soffrimento
E contentar-se só de têr soffrido
Sem um suspiro vão, sem um gemido
No mal mais doloroso e mais cruênto.

E' vagar d'esta vida tão isento
E' d'este mundo enfim tão esquecido,
E' pôr o seu cuidar num só sentido
E todo o seu sentir num só tormento.

E' nascer qual humilde carpinteiro,
De rudes pescadores rodeado,
Caminhando ao supplicio derradeiro.

E' viver sem carinho nem agrado,
E' sêr enfim vendido por dinheiro
E entre ladrões morrer crucificado.

das Rimas.

SONETO IV

Mata-me, puro Amor, mais docemente,
Para que eu sinta as dôres que sentiste
Naquelle dia tenebroso e triste
De supplicio implacavel e inclemente.

Faze que a dura pena me atormente
E de todo me vença e me conquiste,
Que o peito saüdososo não resiste
E o coração cançado já consente.

E como te amei sempre e sempre te amo,
Deixa-me agora padecer contigo
E depois alcançar o eterno ramo.

E, abrindo as asas para o ethereo abrigo,
Divino Amor, escuta que eu te chamo,
Divino Amor, espera que eu te siga.

das Rimas.

CANTIGA I

Nestes sombrios recantos,
Nestes saudosos retiros
Deslisa um rio de prantos
E corre um ar de suspiros.

Volta

Tenho na alma dous moïnhos,
Um é d'agua, outro é de vento;
Ambos juntos e visinhos
Estão sempre em movimento.
E gyros tantos e tantos
E tantos e tantos gyros
Dão ao primeiro os meus prantos
E ao segundo os meus suspiros.

das Rimas.

ESPARSA I

Ha no meu peito uma porta
A bater continuamente;
Dentro a esperança jaz morta
E o coração jaz doente.
Em toda parte onde eu ando,
Ouço este ruído infindo :
São as tristezas entrando
E as alegrias sahindo.

das Rimas.

VILLANCETE

Com lembranças do meu bem
Sósinho estive a chorar
Entre o sol-posto e o luär.

Voltas

Na hora mais triste que sei
Das horas que vêm e vão,
Saudosamente espalhei
Suspiros do coração;
Pois que me nascia então
Uma magua singular
Entre o sol-posto e o luär.

E eu dizia : «O sol morreu,
« Não me vê gemendo assim,
« A lua, occulta no céu,
« Não sente pena de mim.
« O dia teve o seu fim
« E a noute está por chegar
« Entre o sol-posto e o luär.

« Já chorei muito a soffrer

Saudades longe de ti,
Porém nunca em desprazer
Senti o que sinto aqui !
E d'esta arte conheci
Quanto é mais triste — chorar
Entre o sol-posto e o luar.

das Rimas

CANTIGA II

Passarinho lisonjeiro
Cuja voz o espaço invade,
Se vives em liberdade,
Passo a vida em prisioneiro.

Voltas

Vejo-te voar nos ares
Alegre, as asas batendo,
E o motivo não entendo
De tanto me lastimares;
Pois a não ser prisioneiro
Ninguém, a mim, me persuade;
Pela tua liberdade
Não tróco o meu prisioneiro.

Preferes o teu estado
E o meu destino prefiro ;
Vôas livremente em gyro,
Trazem-me em grilhões atado.
Só no dia derradeiro
Hei-de me soltar, pois ha-de
Ser-me morte a liberdade
E é-me vida o prisioneiro.

Mas, se me tens em despreso,
Ainda assim te perdôo ;
Sóbe pelos céus em vôo
E deixa-me á terra preso.
E isso tudo eu te requeiro
Que no canto se traslade :
Louva a tua liberdade,
Que eu louvo o meu captiveiro !

das Rimas.

TROVAS COM ECHO

Debaixo d'esta alta fronde
Ninguém me ouvirá gemer
Co'a tristeza e desprazer
Que dentro da alma se esconde.

Echo

Onde ?

Chorai, olhos meus, chorai,
Que eu não abafo o que sinto ;
No coração quasi extinto
Quanto tormento me vai !

Echo

Ai !

Echo saüdoso e brando,
Que tens compaixão de mim,
Se sabes gemer assim,
Andas acaso penando ?

Echo

Ando.

Dura sorte o céu te deu,
Mais eu sou mais desgraçado,
Pois quem por ordem do fado
Tem pesar igual ao meu ?

Echo

Eu.

das Rimas

ESPARSA II

Colhes rosas no jardim
E desfolhas malmequeres
Porém, se bem me quizeres,
Olha e tem pena de mim :
Quando em mim os olhos pões,
Vês que em tormentos insanos
Ando a colher desenganos
E a desfolhar illusões.

das Rimas.

COPLAS

Que me roubou o amor cego?
O socego.
E esta vida triste e escura?
A ventura.
E o fado cruel e iroso?
O meu goso.
D'esta arte vivo entre a gente
Maguado e saudável,
Dêsque perdi juntamente
Socego, ventura e goso.

Comigo os dias quem passa?
A desgraça.
A chorar quem me condemna?
Uma pena.
E quem me traz desmaiado?
Um cuidado.
D'esta arte, em queixas desfeito,
Contra o meu destino brado,
Trazendo dentro do peito
Desgraça, pena e cuidado.

Onde está o céu risonho?
No meu sonho.

Onde o gosto bemfazejo ?
No desejo.
Onde a paz serena e mansa ?
Na esperança.
D'esta arte já não maldigo
O bem que se não alcança,
Pois tenho ainda comigo
Sonho, desejo e esperança.

das Rimas.

ESPARSA III

Amor me faz esperar,
Esperança me faz rir,
O riso me faz chorar,
O choro me faz sentir;
O sentir me faz soffrer,
O soffrer me causa dôr,
A dôr me dá um prazer
E o prazer cantos d'amor.

das Rimas.

MOTE

Olha para os olhos meus,
Que os meus olhos te dirão
As penas do coração.

Glosa

Tu me não ouves gemer
Em tortura e desprazer,
Mas ha tristezas mortais
Neste meu peito e jamais
Deixarei de padecer.
Os sonhos, voando aos céus,
Já me disseram adeus—
E a escura magua sem fim,
Se ainda a não viste em mim,
Olha para os olhos meus.

Cuidados, tormentos vis
Que humana lingua não diz,
Desassocego sem paz,
Tudo isto nelles verás
É quanto sou infeliz.
Has-de conhecer então

Esta dura condição;
Talvez chegues a chorar,
Vendo o profundo pesar
Que os meus olhos te dirão.

A dôr que ha dentro de nós,
As vezes é tão atroz,
Que no supplicio cruël
A bocca se enche de fel
E a garganta perde a voz.
Quero, pois, soltar em vão
Suspiros que na alma estão,
Porém, se falar não sei,
Nos olhos te mostrarei
As penas do coração.

das Rimas.

ENDECHAS

Quantas vezes choro
Sem saber porquê
E o pranto sonoro
Se ouve e não se crê.

Em nenhuma parte
Vejo mal ou bem,
Nem prazer que parte,
Nem pesar que vem.

Mas noutes e dias,
Tardes e manhãs
Vôam fugidias
Estas queixas vãs.

Risos sem começo,
Lágrimas sem fim :
Se tanto padeço,
Que será de mim ?

D'uma pena ignota
Magua singular
Que se sente e nota
Pelo suspirar.

Pois, se os olhos sécco
E não choro mais,
Inda se ouve um echo
De saudosos ais.

E em qualquer retiro
D'estes que bem sei,
Sem querer suspiro
Onde já chorei.

Onde acharei pranto
Para tanto dó ?
Ai que já não canto,
Dêsque vivo só.

Mas para lamentos
Haverá razão ?

Cuidados cruētos
Nunca tornarão.

Estas queixas mansas
Que espalhando estou,
São talvez lembranças
Do que já passou.

Mas a dôr fugindo
Cessa e já não é;
Surge amor infindo
Co'esperança e fé.

A alma se traslada,
Vôa para o céu,
Doce patria amada
De quem já soffreu.

Um anjo me guia,
Me leva e conduz
Para vêr MARIA,
Para vêr JESUS.

Onde tudo é goso
Que não vejo aqui,
E serei ditoso,
Já que padeci.

Onde em brando riso
Tudo se desfaz
E a dôr suãviso
Em serena paz.

Onde a primavera
É meiga e gentil
E um bem que se espera,
Se transforma em mil.

Onde num desmaio
Doce e encantador
Entre abril e maio
Nasce o eterno amor.

Onde se ouve a pura
Voz celestial,

Bem como murmúra
Fonte de crystal.

E a fragrancia amena
Pelo espaço azul
Vence a da assucena
Nos jardins do sul.

Onde se prepara
Ao côro fiël
A mais santa e rara
Hostia d'Israël.

Doce manjar d'alma
Que o Senhor bem diz,
Me alenta e me acalma
E me faz feliz.

E como d'uma ave
Os suspiros meus
Em queixa suãve
Vão aos pés de Deus.

Dos olhos sentidos
A lágrima cai,
Sóbem os gemidos
Aos pés do meu Pai.

Todo me enche e invade
Lánguado prazer,
Em felicidade
Deixai-me morrer.

No mundo mesquinho
Tudo é só pesar :
Ao meu patrio ninho
Deixai-me voär.

Onde veja o amante
E perpetuo bem
E co'os anjos cante
Gloria a Deus. Amen.

das Rimas.

POESIA ÉPICA

·COMEÇO DO TRIUMPHO

Era no tempo, quando a terra perde
O alvo manto de neve e a doce Flora
Adorna o bosque e esmalta o campo verde.

Nos ares se ouve a música sonora
De Prógne que lá vai, lânguida e lenta,
Tornando aõnde Philomela mora.

Eis sobre o manso e livre de tormenta
Assento das nereidas saüdosas
Um triumpho aos meus olhos se apresenta.

Coberto só de lyrios e de rosas,
Aurifulgente carro vem trazido
Por mil pombinhas meigas e amorosas.

Nelle co'o ledo e tréfego Cupido,
Está Venu; serena e sorridente
A cujo raro encanto andei rendido.

E o seu olhar se alonga no ambiente,
Como uma clara estrella matutina
Começa a scintillar suävemente.

E o seu sorriso vôa na campina
Como um jasmim que docemente caia,
Quando Favonio a leve rama inclina.

E entre ondas de perfume que se espraia,
Vêm as Graças gentis em brando adejo:
Euphrosyna e Thalía com Aglaia.

E as horas immortais admiro e vejo
Dicéa, Eunómia e Iréne co'a formosa
Musa que ainda accende o meu desejo.

Esta é quem só d'amores vive e gosa,
Esta é quem faz que eu só d'Amores cante
Em melodia doce e dolorosa.

do Triumpfo.

FALLA DA MUSA

Caro amador, nunca houve quem te visse,
Senão tratando só do affecto puro
Que amor manda que sempre se cobice.

O mesmo bem procuras que procuro,
E em pago do teu longo soffrimento
Aqui verás pintado o teu futuro.

Ouve-me, nunca viverás isento
D'arte ou d'engenho e sempre terás na alma
Da poësia o brando sentimento.

Terás a doce avena que te acalma,
E a bellicosa tuba que te anima,
Para que alcances sempiterna palma.

E voãdo no espaço, lá de cima
Espalharás em sonoro canto
O que nunca se disse em verso ou rima.

Nunca te faltará do monte santo
A protecção benigna e bemfazeja
Das nove musas a quem amas tanto;

Que eu te prometto que o Parnaso seja
Em teu favor e d'esta vida escura
Évites a vulgar e vil peleja.

Sentes comigo a mesma desventura
E o mesmo goso e, cheia de gemidos,
Na mesma lingua a tua voz murmura.

Ah nunca de mim sejam esquecidos
Os accents da música celeste
Que vencem e arrebatam os sentidos.

E como sempre assim cantar quizeste,
Em sons ou d'amargura ou d'alegria,
Farei que o teu amor se manifeste.

E erguerás nesta vida fugidia
Um monumento como outrora os houve,
Contra que o duro tempo em vão porfia.

E embora a gente humana te não louve,
Has-de viver contente, conhecendo
Que Polymnia te inspira e Apollo te ouve.

do Triumpfo.

APPARIÇÃO D'APHRODITE

Já se escutam sussurros e clamores
Contra os de Luso, a tal empresa affeitos,
Quando apparece a deusa dos amores
Que traz em laços corações e peitos;
E, olhando aquelles dons encantadôres,
Os numes immortais ficam sujeitos
E o proprio Zeus se espanta e maravilha
Da formosura que lhe mostra a filha.

Como abelhas em vôo diligente
São da colmeia, cheia d'aureos favos,
De madrugada, quando no oriente
Eös derrama os seus cabellos flavos :
Pousam aqui e allí suavemente
Em brancas rosas e vermelhos cravos :
D'esta arte beijos vão subindo emtorno
Ao collo eburneo, palpitante e morno.

E como pombos, revoando á tarde,
Quando a noite começa e o dia finda,
Descem co'a luz do ultimo raio que arde,
Pela celeste altura etherea e linda;
E o doce ninho que os proteja e guarde,
Este acha logo e aquelle busca ainda :
Assim de toda parte ao seio brando
Suspiros amorosos vão chegando.

E qual o caminhante no deserto
Que ouve os múrmuros sons d'alguma flauta,
Ou qual o pescador que leva perto
Dos cantos da sereia a barca incauta ;
Parece o mundo um paraíso aberto
Ao viajor cansado e ao triste nauta :
D'esta arte Cytheréa nos fascina,
Erguendo a voz em súplica divina :

Ó grande padre Zeus, é bem notório
O amor que tenho ao peito lusitano
Que ousadamente dobra o promontório
Sem medo a tempestade, morte ou dano;
E agora quero, em prêmio não inglorio
Do seu atrevimento mais que humano,
Levá-los longe da estação severa,
A pátria da perpetua Primavera.

Já fiz surgir uma ilha nunca vista
Em meio do oceano, amena e doce,
Onde o audaz coração, dado a conquista,
Pelos amores conquistado fosse;
E ahí, longe de tudo que contrista,
Guiei as invencíveis naus, e trouxe,
Onde se repousassem das fadigas
De mares e de terras inimigas.

Mas, se lhes dei lugar tão bemfazejo,
Para que enfim um pouco descansassem,
Mais merecem, segundo entendo e vejo,
É peço que sem guerra ávante passem;
Pois agora é o meu unico desejo
Que vivam onde eternos gosos nascem,
Em deleitosos sonhos duradouros
Myrtos verdes juntando aos verdes louros.

E a ti, sublime padre Zeus, entrego
O futuro da minha gente amada,
Faze que pelo tormentoso pégo
Mansamente navegue a lusa armada.
E, se alguém com furor maligno e cego
Contra os nautas levanta a voz, e brada,
Não lhe creias, pois tudo te assegura
Que é fructo só d'inveja baixa e escura.

da Allegoria.

FALLA D'HERMES

D'esta arte falla o padre soberano
Que a tudo manda e ordena sabiamente,
Parte-se Poseidon irado e insano,
E a lânguida Aphrodite ri contente;
Vai, pois, illustre capitão, sem damno,
Que Zeus aos Lusos navegar consente
Aõnde a Primavera enternecida
Ha muito que te chama e te convida.

Vai pelo mar azul á verde terra
Tão fértil, tão fecunda e tão formosa,
Em cujo seio a natureza encerra
Tudo que o coração deseja e gosa;
Em cujo bosque, valle, prado e serra
Corre um perfume d'assucena e rosa,
Em cujas grutas frescas e quiêtas
Hão-de morar as musas e os poetas.

Disse e qual andorinha que em procura
Vôa d'ameno e deleitoso clima,
Vendo uma branca vela na agua pura,
Dos céus desce e lhe vem pousar em cima;
Mas em seguida pela etherea altura
Co'asa mais leve a revoar se anima:
D'esta arte subiu lépido e ligeiro,
Pelo caminho lacteo o mensageiro.

da Allegoria.

DESCRIPÇÃO DA PATRIA DA PRIMAVERA

Por um declive saúdoso rio
Entre as penhas desliza lentamente,
Formando um lago claro e luzidio
No qual se espelha a selva florescente ;
Vê-se alli um vergel verde e sombrio,
Banhado pela limpida corrente,
Onde colher se pôdem, sem embargos,
Doces laranjas e limões amargos.

E entre mil retorcidas trepadeiras,
Nos duros troncos prôcurando encosto,
Nascem romãs, á vista prazenteiras,
E rôxos figos d'exquisito gosto ;
Em cachos tintos pendem das parreiras
Os fructos de que o nectar é composto,
Emquanto as auras plácidas e calmas
Meneiam molle e mansamente as palmas.

De ramo em ramo vôam beija-flores,
Abrindo as refulgentes e aureas pennas,
Borboletas azues, multicolores,
Sobem silenciosas e serenas ;
Murmura emtorno música d'amores
Em continuas e doces cantilenas,
Derramando nos ares o segredo
Da triste rôla e do canario lido.

Passa o pavão cuja belleza summa
Pincel não pinta e penna não descreve,
Ave que sempre acompanhar costuma
A alta esposa de Zeus em vôo leve;
E pela agua, desfeita em pura espuma,
Nadando o cysne vem, da côr da neve,
Ave sagrada a Cytheréa, e santa,
Que vive muda e, quando morre, canta.

Abelhas com sussurros sonoros
Ambrosía ños campos vão colhendo ;
No ninho arrulham pombos amorosos,
Suâves beijos dando e recebendo :
Quantas delicias ha e quântos gosos
Que em vôo co'a mente imaginar pretendo :
Olhai, do prateado arroio á margem,
Hervas e flôres que fragrancia espargem.

A rosa alli se vê purpurea e bella,
Nasce-lhe a cândida assucena ao lado.
A rôxa violeta se revela,
E o cravo, d'amadores estimado ;
Do alto cai o jasmim qual nivea estrella,
Em redor a bonina esmalta o prado,
Cresce tambem (notai o estranho effeito)
Junto do malmequer o amør-perfeito.

Perto a camélia ou branca ou rubicunda
Co'o rosmaninho e a túlipa viceja
D'olores o alecrim o espaço inunda,
Rescende a madresilva bemfazeja ;
E, para que co'a magua se confunda
Algun prazer, é bem razão que esteja
Co'o triste goivo o myrto immorredouro,
A hera perpetua e o sempiterno louro.

E co'a magnolia e a passionaria santa
Floresce a parasita sem aroma,
E o gyrasol que a vista ao céu levanta
Onde Phébo dourado surge e assoma ;
E aquella desejada e rara planta
Que adormece a quem d'ella as folhas coma,
Pintando em sonho um goso ethereo e ignoto :
Doce e maravilhosa flôr do lótó.

da Allegoria.

CATÁLOGO DAS MUSAS E DOS POETAS

Aqui a vossa lingua bella e branda
Que da latina fonte se deriva,
Ha-de escutar-se, pois o fado manda
Que novamente aqui floresça e viva ;
E quer que a doce música se expanda,
Não alcançando fama fugitiva,
Mas, apesar do tempo que o consome,
Co'a vossa lingua dure o vosso nome,

E, para que o reclamo se levante,
Em torno murmurando mansamente,
D'algun ditoso coração amante
Ou maguado coração doente,
Do Olympo ha-de enviar o grão tonante
As musas para o novo continente,
Sem cujo auxílio a sonora lyra
Não canta, não soluça nem suspira.

No Helicon donde surge a fonte clara
Que do alado corcel a origem teve,
E no Parnaso a cuja lympha rara
A immoredoura inspiração se deve,
O côro das donzellas se prepara
A atravessar o mar sereno em breve
E, se bem o futuro desenrólo,
Ha-de vir-lhes á frente Phébo Apollo.

Bem como pombas assustadas, quando,
Repousando nos ramos d'uma fronde,
Ouvein o caçador que vem chegando
É atraz d'um tronco d'arvore se esconde ;
Num só momento vão partindo em bando
Pelos espaços sem saber aõnde :
D'esta arte, um pouco esquivas e confusas,
Iirão á nova terra as nove musas :

Clio que os tempos idos rememora,
Euterpe com o cálamo, Thalia
Que ri sempre, Melpómene que chora,
Terpsichore que as leves dansas guia ;
Erato, dada a Amores, a canora
Polymnia, Urania, dada á astronomia
E Calliope cujo fogo santo
Da tuba retumbante inspira o canto.

Da Grecia hão-de trazer a alta doutrina
Da arte immortal, segundo vejo e espero,
Lá d'onde se ouve a música divina
Do velho pai da poësia, Homero,
E o som que o magno Píndaro me ensina,
E Éschylo, mestre da Tragedia austero,
E o queixume que espalham sem repouso
Sóphocles brando e Eurípides choroso,

Virão á Italia, assento sempiterno
D'engenhos peregrinos, patria santa,
Onde co'o bom Horacio e Ovidio terno
Virgilio sonoro a voz levanta;
Onde Alighieri pintã céu e inferno
E Petrarca suspira em magua tanta,
Onde canta Ariosto sorridente.
E Tasso geme dolorosamente.

E passarão pela Provença bella,
Terra dos amorosos trovadores,
De cuja suävíssima querella
Vôam ainda os sons encantadôres;
Alli toda a sciência se revela
Da suprema alegria e dos amores,
Nem se pôdem sentir outros cuidados,
Senão de corações enamorados.

Verão tambem Castella onde Cervantes
Tem nos labios o riso e a dôr no peito,
Onde o grão Lope, como nunca d'antes,
Traz o fogo Pégaso sujeito
E Calderón em versos elegantes
Á branda influença se mostra affeito,
Bebendo em copa d'ouro a agua perenne
Das fontes de Castalia e d'Hippocrene.

Emfim chegam ao ninho lusitano,
Ledo berço da triste saüdade,
Onde a alma só d'amores sente o damno,
Mas onde tudo a amores persuãde;
Onde Camões sublime e soberano
Faz que por toãda parte se traslade
O clangor da trombeta nunca ouvido
Ou da avena o dulcíssimo gemido.

D'aqui no argenteo carro d'Amphitrite
(Que Poseidon irado já descança)
Hão-de partir, e Eölo assim permite,
Pela vaga do mar cerulea e mansa;
E sem perigo extremo que se evite,
Irão alegremente, na esperança
De que Zéphyro brando as leve e traga
Ao doce porto e desejada plaga.

Assim como o aureo sol resplandecente,
Quando reina nos céus a noute escura,
Ainda meio-occulto, lentamente
Vai derramando os raios pela altura
E em seguida, surgindo de repente,
Enche o espaço de luz serena e pura :
Tal da treva negríssima e sombria
Ha-de nascer de novo a poësia.

da Allegoria.

FINAL DA ALLEGORIA

Tal como quem, nutrindo uma esperança
Em meio d'esta vida triste e incerta,
Dorme, illudido na ventura mansa
Que do anhelado bem lhe faz offerta ;
Nas no momento mesmo em que elle o alcança,
Abrindo os olhos, subito desperta
E, perdendo o prazer doce e risonho,
Não póde crêr que tudo foi um sonho :

D'esta arte Chlóris, quando não mais pinta
Ø que repete a falla tão sonora,
Um não sei quê faz que saudades sinta,
Vendo a clara visão voär embora :
E, acabando cançada e meio-extinta,
Suspira sem querer e quasi chora,
Porém, olhando logo a Lusa gente,
Vence o desgosto e ri serenamente.

Qual terno beija-flôr que deixa o ninho
Com a cara consorte e filho implume,
De rosa em rosa no jardim visinho
Colhendo o nectar, cheio de perfume ;
Mas depois, revoãdo o passarinho
Aõnde todo o amor se lhe resume,
Co'os seus em paz repousa bemfazeja
E d'alli nunca mais partir deseja :

Tal a meiga alegria vai fugindo
Da alma cândida, amavel e sincera,
Mas logo torna em riso ao rosto lindo
E ao coração que ardentemente a espera;
Puro contentamento está sentindo
A gentil e mimosa Primavera,
Porque da lingua lusitana sabe
Não soffrerá que a poësia acabe.

Pois nella manda o céu que, nova e nua,
A formosura hellénica admiremos
E o latino vigor se restitua
Segundo a tradição que conhecemos:
Emfim a gloria antiga continua
E estes maravilhosos dons supremos
A lingua para si recebe e toma
Da bella Athenas e da forte Roma.

Musas, não mais! O ultimo som derramo
E já se apaga a flamma em que me alento,
E não vos peço immarcescível ramo
Em premio do immortal atrevimento:
Mas dai-me sempre aquillo que mais amo,
Musas, nunca deixeis que viva isento
De branda poësia um peito brando
Que anda os vossos louvores celebrando.

E tu, suãve cithara canora,
De cujas cordas tiro a melodia,
Ou quando em mim uma saudade mora
Ou quando uma esperança me allivia :
Pende ao meu lado sempre como agora
Em jucundo prazer ou dôr sombria,
Para que eu possa leda ou tristemente
Dizer em verso tudo que a alma sente.

E vós que vã cobiça não condemna
A uma perpetua, dura e aspera luta,
Vós que a filha de Zeus, Pallas Athena,
No templo consagrou da arte impolluta,
Vinde comigo á Arcadia doce e amena
Onde continua música se escuta,
Vinde viver sem maguas e sem danos,
Claríssimos engenhos soberanos.

E olha, coração meu, vê quanto gosas,
Quando o sublime canto se traslada;
Nascem louros ainda, nascem rosas
Para trazer a fronte coroada;
E, porque Apollo e as Musas amorosas
Tenham sempre na terra uma morada,
Sobre columnas dóricas levanto
Um novo Parthenon eterno e santo.

da Allegoria.

POESIA DRAMÁTICA

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DE LÓURDES

CÓRO DE PASTORAS

Violeta suãve,
Santa MARIA,
O teu pranto nos lave
De noute e dia.

Tu que em Belém nos déste
A graça summa,
Assucena celeste,
Tu nos perfuma.

Rosa d'amor primeva,
Casta e pudica,
Tu nos levanta, enleva
E glorifica.

E, até que emfim desponte
A alta ventura,
Corra a agua d'esta fonte
Perenne e pura.

da Lôa para a Comedia Angélica.

PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS

DESCRENÇA

Ó moço peregrino, deixa o abrigo
D'essa gruta onde estás, e vem comigo

FÉ

Se porventura queres provocâr-me,
Farei que a tua audacia se dêarme.

DESCRENÇA

Lutar é claramente o meu direito
E d'elle quanto posso, me aproveito.

FÉ

Mas saiba o mundo todo que a Descrença,
Deus manda que a Razão também a vença.

RAZÃO

Depois de longes terras têr corrido,
Ao puro goso elevo o meu sentido
E a ti declaro, ó Fé, co'alma sincera
Que um Deus reside na celeste esphera.

DESCRENÇA

Nego.

FÈ

Negas em vão, que a Virgem clara
Á Razão milagrosamente ampara.

RAZÃO

Foi a serena estrella matutina
Cujo esplendor aĩnda me illumina,
Que me mostrou na noute espessa e escura
A etherea luz que o coração procura.
O homem, quando primeiro os olhos deita
Na criação magnífica e perfeita,
Pergunta sempre d'onde vem o mundo,
D'onde vêm o alto céu e o mar profundo?

DESCRENÇA

A criação não conheceu começo,
Mas sempre foi.

RAZÃO

A tal mentira avesso,
Não póde o entendimento e jamais ousa
A origem duvidar de qualquer cousa.

DESCRENÇA

De que haja Deus, jamais me persuãdo;
O mundo por si mesmo foi creãdo.

RAZÃO

Ouve, não é possível que a confusa
 Materia antes de sêr faça ou produza:
 Medita, que verás como evidente
 Nada poudê existir eternamente
 Nêem nada se creôu, de tal maneira
 Que uma só conjectura é verdadeira
 Das tres que a mente humana nota e estuda,
 Que outra alguma não ha que nos acuda.
 Eis a verdade sempiterna e viva
 D'onde a santa doutrina se deriva:
 Um Creãdor augusto e soberano
 Creôu o céu e a terra co'o oceãno.

DESCRENÇA

E quem creôu o Creãdor ?

RAZÃO

Attende,
 Para que a eterna luz se recommende
 E esse vão pensamento logico passe
 De que um Deus porventura d'outro nasca.
 E assim, parando o esteril argumento,
 Sendo eu Razão que a Fé também sustento,

Aos que Esperança a Caridade impelle,
Faço que um Deus supremo se revele
Sem principio nem fim, soberbo e forte,
Mandando ao céu, á terra, á vida e á morte.

FÉ

Foge, Descrença. E tu, Razão, venceste,
Auxiliada só da Mãe celeste
Que entre as sombras da dúvida nos guia
Com o suáve nome de MARIA.

RAZÃO

Se fallei bem, sómente peço e rógó
Que o santo amor de Deus domine logo,
Pois é mais justo e o céu assim obriga
Que o sintá a Fé, mas a Razão o diga.

da Lóá.

SOLILOQUIO D'ADÃO

D'um profundo lethargo me levanto
E ainda sinto um lânguido quebranto.
Sou, não era e comtudo me parece
Que sempre fui. Oh quem fará que cesse
Este mysterio tão remoto e escuro
Que em vão co'o pensamento vêr procuro,
Pois não sei apesar de todo empenho
Quem sou, aõnde vou nem d'onde venho.

da Comedia Angélica.

FALLA DE MIGUEL

MIGUEL

Oh quão ditoso és tu que na alma sentes
As virtudes sublime; e excellentes :
A fé que vivifica e fortalece
A influença d'um hymno ou d'uma prece;
A esperança que pinta os mais risonhos,
Os mais suäves e os mais lindos sonhos ;
E a caridade emfim que o peito abraza
Na pura chamma da celeste casa.
Ergue, pois, a ADONAI os teus louvores,
Porque não serás digno, se não fôres
Grato a quem tudo manda e determina
Na vida humana, angélica e divina.
E, porque tenhas a noção bem clara
De quanto o Creador em ti prepara,
Vê como em creatura tão pequena
Com sabia mão Elle dispõe e ordena
Na alma as tres faculdades, e os sentidos
Cinco que se acham no teu corpo unidos.
Mas primeiro olha o espirito sublime
Em que a imagem de Deus se grava e imprime :
Nelle vês a memoria que em traslado
Presenta aos olhos o prazer passado,

E logo o entendimento alto e profundo
Que nos define a natureza e o mundo,
Com a vontade livre e não sujeita
Que escolhe o bem e todo mal rejeita.
Agora attenta na materia nua
Na qual a essencia etherea continúa :
Nella se encontrã a vista com que notas
As cousas ou visinhas ou remotas,
As sete côres e as mil fórmas varias
Em céu e terra, em plantas e alimarias,
Pelo ouvido percebes as suãves
E alegres vozes das canoras aves,
O murmurio das ondas e o som brando
Dos zéphyros que em gyro vão voãdo.
E pelo o olfacto docemente gosas
O aroma d'assucenas e de rosas
E a fragrancia subtil, leve e fugace
Que de violetas e cravos nasce.
E olha mais longe e admira aquellas fructas
Nas videiras, d'orvalho nunca enxutas,
Vê tambem a colmeia onde é composto
O doce mel que tanto agrada ao gosto.

E enfim, para que o tacto se conheça,
De leve toca nesta relva espessa,
Nesta dé flôres matisada alfombra
Que frondoso arvoredado cobre e ensombra.
Bem vês, Adão, em que o viver consiste,
Dêsque qs olhos attónitos abriste.
Dá graças, pois, a Deus, porque consagre
E confirme inda mais este milagre,
Pois um sublime espírito uniu todo
A um baixo corpo, feito só de lodo.

da Comedia.

OS SETE DONS DO ESPÍRITO SANTO

MIGUEL

Ditoso Adão, eu te bemdigo e louvo
E louvo o teu amor sincero e novo.
E em premio d'elle é bem razão que tenhas
Os sete dons divinos, já que empenhas
O teu esforço em só servir Àquelle
Que sempre ao bem nos leva e nos impelle,
Para que enfim no empyreo recebamos
A aurea corôa e os viridentes ramos.
E, para que a ADONAI vivas sujeito,
Guarda a sabedoria no teu peito,
O intellecto e o conselho que te ampara,
A alta sciencia, a fortaleza rara
E a pïedade milagrosa e meiga
Que co' o temor de Deus em ti se arreiga.
Ao céu ceruleo o teu olhar levanta,
Porque é lá que verás a patria santa
E a morada estellífera e secreta
Onde todo desejo se aquïeta.

da Comedia.

HYMNO INAUGURAL

CÔRO

Louvemos ADONAI alto e perfeito
E o seu nome sublime bemdigamos
Ao som de tuba e lyra saúdosa.
E do mais fundo e mais interno peito
Erga, harmoniosíssimos reclamos
Tudo que emtorno sente, vive e gosa.
A música chorosa
Aos ethereos espaços se levante
E, ora grave, ora aguda,
Celebre a cada instante
Aquelle que do empyreo nos ajuda;
Poís virtude não ha mais meritoria,
Senão que se repita
Esta infinita — e sempiterna gloria.

Louvem-no o sol brilhante e a branca lua,
A noute escura e o luminoso dia,
As estrellas de prata e os astros d'ouro,
O fresco orvalho, a nuvem que fluctua,
A humedecente chuva, a neve fria
E o verão deleitoso e duradouro.
Dos céus se abra o thesouro
E lá da parte onde se estão formando

Da nevoa os densos muros,
Venham descendo em bando
As mansas auras e os favonios puros.
E, ou quando surja a luz ou já não arda,
Seja com voz sonora
Bemdicto agora — e sempre quem nos guarda.

Louvem-no as fontes e aguas crystallinas,
Os regatos e lagos prazenteiros,
Os caudalosos rios e oceãos,
Louvem-no os valles, montes e collinas,
Louvem-no as serras, louvem-no os outeiros,
Os campos e vergéis ledos e ufanos.
Os cedros soberanos,
Os salgueiros, carvalhos e cyprestes
Derramem mil louvores
E co'as hervas agrestes
Esparjam doce aroma as lindas flôres.
E pelas moutas que entre as veigas crescem,
Das fugidias aves
Os mais suâves — hymnos nunca cessem.

Louvem-no os peixes e os reptis estranhos,
Os basiliscos e os dragões damnhos,

Os tigres e os leões feros e atrozes.
Louvem-no as aguias, louvem-no os rebanhos
D'ovelhas e de castos cordeirinhos,
Os bravos touros e os corcéis velozes.
Sejam as varias vozes
Da criação numa só voz unidas
E juntas espalhadas
Nas aéreas guaridas
E nas terrenas e húmidas moradas.
Desde o alto céu até o mar profundo
Tudo quanto nos ouve,
Bemdiga e louve—o Creador do mundo.

Louvem-no em meigo e maguado threno
Adão sublime e os filhos da futura
Geração d'Israel soberbo e santo :
Ruben ditoso, Simão sereno
E com Levi que só do templo cura,
Judá, coberto do purpureo manto.
E ergam tambem o canto
Zabulon, Issachar e Dan, seguidos
De Gad que ao claro assento
Eleva ais e gemidos

Co'Aser e Nephtali em rythmo lento ;
A quem José com Benjamín responde :
Qual echo em selva ou gruta
Diz o que escuta — e não se sabe d'onde.

Louvem-no em diviníssimas cadencias
Os seraphins, em flammabrasados,
Os cherubins e os thronos gloriosos.
Dominações, virtudes e potencias
Gemam e juntamente principados
Co'archanjos e anjos digam os seus gosos.
Os sons maravilhosos
Partam e docemente irão subindo,
Continuos e canoros,
E com prazêr infindo
Suspirem sem cessar os nove córos.
E no universo sôe eternamente
Uma voz sobrehumana,
Cantando hosanna — a ELÓA omnipotente.

da Comedia.

NASCIMENTO D'EVA

Nestes jardins que o Paraíso abarca,
Do homem Adão, primeiro patriarcha,
Ha-de gerar-se nova creatura
D'uma composição perfeita e pura :
Eva, a mulher sempre amorosa e branda,
Que obedece ao consorte com quem anda
E, delicada e debil, casta e honesta,
Menos força e mais graça manifesta
E, sendo semelhante e differente,
As mesmas cousas d'outro modo sente.
Esta ha-de sêr aquella que se ufana
D'uma Filha serena e soberana,
Luz e esplendor do céu, do mar, da terra
E de quanto o universo guarda e encerra,
Que, assim como da aurora nasce o dia,
D'Eva tambem ha-de nascer MARIA.

da Comedia.

EVA EM PROCURA D'ADÃO

EVA

Anjos do céu que estais aqui comigo,
Dizei-me onde se encontra o meu amigo.
Os olhos são mais lindos que as estrelas,
As faces mostram duas rosas bellas
E os seus labios encerram tal doçura,
Que vencem qualquer flôr singella e pura.
E, quando o seu sorriso vôa emtorno,
É como aroma deleitoso e morno,
E, quando a sua voz d'amores falla,
Os passarinhos vêm para escutá-la.
Anjos do céu que estais aqui comigo,
Dizei-me onde se encontra o meu amigo.

CÔRO

Como é formosa a creatura nova
Que o divino poder revela e prova,
Tão innocente, ingenua, tenra e branca,
Do seio saüdosos ais arranca
E, em amoroso fogo toda accesa,
Soffre e não sabe ainda o que é tristeza.
Qual sol dourado sobre clara neve
Na fronte os crespos fios cáem de leve.
Os olhos d'onde a luz raios envia,

Espalham mais fulgor que o proprio dia.
E das faces e labios lentamente
Se derrama um aroma puro e ardente.
Bem como surge a aurora leda e grata
Ou como a lua na agua se retrata :
D'esta arte o olhar, cheio d'amor infindo,
Entre as louras pestanas vai luzindo.
Bem como a cotovia alegre canta
E o rouxinol suspira em magua tanta :
D'esta maneira o seu fallar é doce,
Como se acaso maguãdo fosse.
Como as auras tranquillias e serenas
Espalham nõ ar fragrancia d'assucenas :
D'esta arte os seus suspiros, revoãdo,
Deitam olor delicioso e brando.
Como enxame d'abelhas que prepara
Os frescos favos d'ambrosia rara :
D'este modo na bocca só lhe coube
Néctar que amor não deixa que se roube.
E tambem como a rôla meiga e mansa
D'affagar os filhinhos não se cança :
D'esta arte, leve como uma asa d'ave,

Acarícia a sua mão suãve.
Ditoso quem te amar, Eva formosa,
Pois nos teus braços brandamente goza
Doce prazer que nunca se define,
Por mais que nos encante e nos fascine,
E, embora dentro da alma se reserve,
Cada vez mais augmenta na alma, e ferve.

EVA

Anjos do céu que estais aqui comigo,
Dizei-me onde se encontra o meu amigo.
Em sonhos me elle veio não sei d'onde
Nem sei agora em que lugar se esconde.
Bem como a ovelha perde o cordeirinho
Que ao longê corre, mísero e mesquinho,
E co'uma dôr e desprazer tamanho
Em busca d'elle deixa o seu rebanho
E não socega na áspera peleja,
Até que novamente o encontre e veja :
D'esta máneira irei por toda parte,
Ó meu amado esposo, a procurar-te.

da Comedia.

FALLA D'ADÃO

ADÃO

Amar e não viver, senão amando,
Quem póde imaginar goso mais brando ?
Quando brilha nos olhos a ternura,
Toda desfeita em luz serena e pura,
Quando nasce nos labios a promessa
E o coração a suspirar começa,
Quando o sorriso falla e o beijo canta
Numa quiêtação suãve e santa,
Amor não deixa mais que amor nos dôa,
E alma com alma pelo espaço vôa.
Vem, casta esposa minha, irmã formosa,
Aõnde co'a assucena cresce a rosa,
Aõnde o cravo se une á vïoleta,
Antes que maio novos dons prometta.
Dize que me amas sempre, amiga minha,
Abril maravilhoso se avisinha
E docemente os verdes campos junca
De malmequeres que não morrem nunca.
Prendem-me os teus cabellos ao teu peito
E nunca este prazer seja desfeito.

De mil flôres a vida se perfuma
E nunca cesse esta delicia summa,
Mas antes sempre noute e dia augmente
Cada vez mais constante e mais ardente,
Quando emmudece a entrecortada falla
E o olhar vagos desejos assignala,
Quando amor faz que mais amor se adquira
E coração a coração suspira.

da Comédia.

EPITHALAMIO

CÔRO

Ó glorioso dia, hora e momento,
Quando entre violetas e boninas
A mulher pareceu ao lado do homem.
No verde prado e no ceruleo assento
Não ha flôres mais frescas e mais finas
Nem astros que mais docemente assomem.
Os tempos não consomem
O ethereo gosò que nasceu com ella,
Nem o pudor constante
Que ás vezes se revela
No súbito rubor do almo semblante.
E em nenhuma outra parte se depara
Cousa mais linda e pura
Que a formosura—milagrosa e rara.

A luz do sol lhe beija os olhos bellos
E o chão que lhe sustenta o peso brando,
D'isto mais alegria aĩnda sente.
Co'os leves e longuíssimos cabellos
O vento brinca e o rio, murmurando,
Lhe dá pérolas claras da corrente.

Porém mais fortemente
Que fogo, terra, ar e agua Adão sublime
Guarda no seio o affecto
Que entende e não exprime,
Tanto é sacro, ineffavel e secreto.
E mais ainda faz que elle se enleve
Cada rosa que nasce
Na lisa face—entre jasmins de neve.

Ei-los que se olham e já d'onda em onda
Sôa dos ternos peitos o segredo,
Ei-lo que chega, ella, porém, se esquiva ;
Ei-lo que espera em vão que ella responda,
E pára quasi, mas um riso ledó
Faz que o contentamento lhe reviva.
Então de fugitiva
Ella se torna mais mimosa e mansa
E assim, molle e benigna,
Enlanguede e descança
E a amar e a sêr amada se resigna.
E, como em braços do álamo a videira,
Eva com Adão forte
Beija o consorte,—meiga e lisonjeira.

Ó ditoso hymeneu, ó novo encanto
Que une dous corações num só desejo
E simultaneamente accende e acalma.
Ó momento d'amor suãve e santo
E mais que todos grato e bemfazejo
Cuja eterna lembrança fica na alma.
A viridente palma
Dê sombra em horas plácidas e amenas
E d'este campo infindo
Brotem mil assucenas
E do alto venham mil jasmíns cahindo.
E, ou seja em verde valle ou verde outeiro,
Cantem as flôres todas
As castas bodas—do casal primeiro.

da Comedia.

LOUVORES DE MARIA

GABRIEL

Desde o alto céu até, á baixa terra
Nenhuma creatura guarda e encerra
Tanta virtude e encanto nunca visto
Como a Virgem que deu á luz o Christo.
Filha do Pai e Mãe do Filho e Esposa
Do Espirito que nella se repousa,
Das tres Pessôas derivando a graça
Que nunca diminúe nem nunca passa.
Como a violeta amavel e modesta
Á verde alfombra os seus matizes presta
Quasi que sem querer, mas um perfume
Tão suãve e subtil em si resume,
Que outra cheirosa flôr a não supera
De quantas faz brotar a primavera :
E como a rosa que, d'orvalho cheia,
Inclina a fronte e ainda se receia
D'olhar o sol que no ceruleo espaço
Espalha os raios d'ouro não escasso,
E, escondida entre a molle e immovel herva,
No seio as raras pérolas conserva :

D'esta maneira a Esposa, Mãe e Filha
Ante a santa Trindade surge e brilha.

CÔRO

E qual do gyrasol a flôr estranha
Que, quando o louro dia as terras banha,
Os rubros resplendores vai seguindo
E á hora em que descem no oceãno infindo,
Com sentimento e co'amargura chora,
Até que nasça novamente a aurora :
D'esta arte o coração, em magua posto,
Procura o brilho do formoso rosto
E a alma se torna docil e tranquilla,
Quando o sereno olhar no céu scintilla.
E qual a cotovia em vôo brando
Estende as asas pelo espaço, quando
O clarão da alva estrella matutina
As fugitivas nuvens illumina,
E, toda cheia d'alegria e goso,
Do alto derrama um som maravilhoso :
Assim a voz queixosa a cada instante
Em mansa melodia gema e cante
E o saudoso reclamo nunca cesse
Do amor ardente que no peito cresce.

E qual o beija-flôr a flôr deseja
Que mais mimosa e mais melliflua seja,
E errando vòa entre purpureos cravos,
Passionarias azues e lyrios flavos,
Até que chegue ao milagroso loto
Excelso, inattingivel e remoto :
Não d'outro modo o affecto casto e raro
À meiga Virgem pede brando amparo
E todo se desfaz, leve e risonho,
Num admiravel e innocente sonho.

da Comedia.

ORAÇÃO DE RAPHAEL

RAPHAEL

Pelo annuncio archangélico e jucundo,
Prophetisando o Salvador do mundo
Que virá redimir de toda pena
A mesma gente indigna que o condemna :
Pela visitação suãve e grata,
Quando o louvor se espalha e se dilata,
Glorificando a castidade pura
D'onde ha-de renascer toda a ventura :
Pelo natal de Christo que prevejo,
Co'um ineffabilíssimo desejo,
Quando retumbam no ar os novos hymnos,
Versos d'amor e cánticos divinos :
Pela apresentação no excelso templo
D'Aquelle cuja gloria já contemplo,
Quando em tons maguados o propheta
Chora e lamenta a dôr longa e secreta :
Pelo encontro do qual me maravilho,
Da saúdosa Mãe co'o meigo Filho,
Quando Deus faz que á terra se traslade
A etherea luz que ao bem nos persuãde :
Na hora da tentação negra e sombria—

CÔRO

Roga por nós, ó Virgem Mãe MARIA.

RAPHAEL

Pela agonia do Messias no horto,
Na mais profunda magua todo absorto,
Erguendo ao Pai a angustiosa prece,
Para que nunca a humana gloria cesse :
Pela flagellação dura e importuna
Do justo Salvador, preso á columna,
No horrendo sacrificio levantando
Os olhos para o céu sereno e brando :
Pela cruél coroação d'espinhos,
Quando os algozes feros e mesquinhos
Batem naquella fronte nobre e augusta
Que nenhum medo turva nem assusta :
Pela cruz santa que JESUS carrega,
Seguido pela gente bruta e céga,
Tres vezes sopesando o lenho rude,
Sem que ninguém acaso o ampare e ajude :
Pelo momento docé e derradeiro,
Quando, pregado no áspero madeiro,
O Filho do Homem co'ancia mansa e calma
A Deus entrega entre suspiros a alma :
Na hora da tentação negra e sombria—

CÔRO

Roga por nós, ó Virgem Mãe MARIA.

RAPHAEL

Pela resurreição de JESUS Christo,
Dos olhos lacrimosos nunca visto,
Em alegria plácida e profunda
Transbordando de luz que os céus inunda :
Pela ascensão do Filho glorioso
Ao claro assento d'infinito gozo,
Quando o Padre celeste na aurea esphera
Entre ondas d'esplendor o aguarda e espera :
Pela vinda do Espírito sagrado
Aonde se reúne o grão senado
Dos discípulos castos e eloquentes
Os quais irão salvar nações e gentes :
Pela tua assumpção maravilhosa,
Quando entre nuvens d'ouro, neve e rosa
Vôas, pelos espaços transportada,
Á região da eterna madrugada :
Pela coroação alta e sublime,
Quando a Trindade sacrosanta exprime
O triple amor que se consagra e vota
A ti, Rainha egregia e ainda ignota :
Na hora da tentação negra e sombria—

CÔRO

Roga por nós, ó Virgem Mãe MARIA.

RAPHAEL

Roga por nós, Virgem MARIA, e escuta
Os contínuos suspiros de quem luta,
Em ti cuidando e só por ti gemendo
Neste combate formidando e horrendo.
Tu nos proteges sempre e tu nos salva,
Ó para nós pharol e estrella d'alva!
E se no eterno pensamento vives,
D'essa visão divina não nos prives,
Mas surge como o véspero fluctúa
Entre o dourado sol e a argentea lua,
Do dia marca o derradeiro instante
E co'o reflexo raro e rutilante,
Pousando aquí e allí, veloz e vago,
Treme de leve no ceruleo lago.

da Comedia.

VICTORIA DE MIGUEL

Anjos, ouvi a narração da luta
Contra a maldade e astúcia baixa e bruta
É o sublime triunfo nunca visto
Para glória e louvor de JESUS Christo.
E que também retumbe no universo,
Depois de derrotado o archanjo adverso,
Das armas e das tubas o ruído,
Saudando o vencedor nunca vencido,
E em toda parte celebrado seja
Miguel, invulneravel na peleja.
Já no terreno proprio e bem disposto
Estão os combatentes rosto a rosto,
Quando ao som da trombeta que se espera,
Lúcifer salta qual veloz panthera
E, andando em roda, com a fina ponta
A Miguel ameaça que traz prompta
A espada e juntamente prompto o escudo
E sem mover-se em pé, severo e mudo,
Sómente os olhos do adversario fita,
Buscando occasião que lhe permitta
Dar um seguro passo mais ávante,
Na mão direita o gladio rutilante.

Em vão Lúcifer tenta desarmá-lo,
Miguel do medo não conhece o abalo,
Mas antes em coragem vai crescendo,
Cada vez mais feroz e metuendo.
Qual áfrico leão soberbo e forte
Irosamente espalha em torno a morte
E, erguendo aos céus o formidável uivo,
Erriça todo o pêllo crespo e ruivo
E logo se arremessa sem detença,
Até que rompa, fira, abata e vença :
Tal o archanjo bellífero e robusto
Co'ardente olhar infunde frio susto
No inimigo que, vendo força tanta,
Tres vezes cai, tres vezes se levanta
E por fim em lethárgico repouso
Jaz aos pés de Miguel victorioso.

da Comedia.

VISÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

CÔRO

Que visão majestosa se apresenta,
Subindo pelo espaço lenta e lenta ?
A visão da amantíssima Trindade
Cujo ardor nós inunda e nos invade :
Deus Padre, o Creador omnipotente,
Deus Filho, o Salvador da humana gente,
Deus Espírito santo e sempiterno,
O Glorificador que vence o inferno.
Quem nos dará ligeiras pennas e asas
Para deixarmos as campinas rasas
É como cysnes que pelo ar visinho
Vão revoando para o doce ninho,
Antes que em duro e doloroso trance
A aguiá cruél e pérfida os alcance,
Pousam numa enseada mansa e curva
Cujo claro crystal nunca se turva :
E também como cervos mal feridos
Que abafam os tristíssimos gemidos
E, traspassados d'uma aguda setta,
Numa carreira célere e inquieta

Vão anciosamente á fresca fonte
Onde não ha perigo que os affronte :
Assim subamos para o solio puro
Onde entre Deus e os anjos não ha muro.
Então, do nosso Creador mais perto,
Veremos como num espelho aberto,
Do empyreo descerrando-se as cortinas,
Mais claramente as perfeições divinas:
A potencia que cria o céu e a terra,
A sapiencia que tudo abarca e encerra,
A bondade que toda magua abranda,
Para que dentro da alma não se expanda,
A immensidade que não tem limite,
A providencia que prevêr permite,
A justiça que pune, sendo boa,
Com a misericordia que perdôa,
E co'a beneficencia que governa,
A infinidade e a caridade eterna.

MIGUEL

É d'essa caridade que esperamos
A aurea corôa e os viridentes ramos.
Cantai, anjos, cantai com alegria,
Glorificai ELÓA noute e dia.

E o psalterio do amor maravilhoso
Exprima o nosso indefinível goso,
Acompanhado em melodia ariosa,
Com harpa e lyra, com trombeta e avena,
Para que todos juntamente em cõro
Louvemos ADONAI immorredouro.

GABRIEL

Anjos, agora aos claros céus voemos
E lá nos claros céus descansaremos.

RAPHAEL

Anjos, á alta mansão vinde comigo,
Deus nos espera no celeste abrigo.

da Comedia.

APOTHEOSE

MIGUEL

Qual íris, rutilando no aureo espaço,
Sóbe num vôo vagaroso e lasso :
D'esta arte a Virgem Mãe surge sem susto
Diante d'ADONAI soberbo e augusto.

CÔRO

Salve, ó Senhõra,
Cheia de graça !
Luz que nos doura,
Não se desfaça :
Mas docemente,
Plácida e pura,
No peito augmente
Rara ventura.

Ô tú, mais nobre
D'entre as donzellas,
Bem que se encobre,
Tu nos revelas :
JESUS, Menino
Meigo e risonho,
Mimo divino,

Divino sonho.

Mãe sempre amada,
Sempre querida,
Na madrugada
Da nova vida ;
Cesse o teu breve
Vôo indeciso :
JESUS te eleve
Ao Paraíso.

GABRIEL

Nasçam rosas gentis pelo caminho,
Corram brandos perfumes no ar visinho,
Que todo o brilho já se manifesta
Da Virgem admiravel e modesta.

CÔRO

Eis vem a Esposa
Cândida e calma
Em quem repousa
Encanto d'alma.
Rúbido pejo
O rosto inunda
Tão bemfazejo

Em paz profunda.
Flôr de laranja
Nas tranças cheira,
Mas não lha tanja
A aura ligeira.
E com agrados,
Tímida e inerte,
Cravos nevados
A mão aperte.

Salve, ó Rainha
Mimosa e mansa,
À alma mesquinha
Traze esperança :
Não transitoria
Flôr d'um instante,
Mas alta gloria
Inebriante.

RAPHAEL

Já do seio d'ELÓA não se affasta
A Virgem meiga, encantadôra e casta
E, como claramente vejo e advirto,
No céu mais do que o louro vale o myrto.

CÓRO

Juntas e unidas,
Em vôos lentos
Vão duas vidas,
Dous pensamentos :
Aõnde nasce
Como perfume
Bem não fugace
Que amor resume.

Ninguém na terra
Nunca se indigne
Cõtra o que encerra
Ámphora insigne :
Coração ledo,
Fechado cofre,
Guardas segredo
De quem não soffre.

Coração puro,
Supremo amparo
É forte muro,
Aos anjos caro :
Tu nos consumes

Em alegria
Co'os doces nomes
JESUS, MARIA.

MIGUEL

Anjos do céu, cantai um canto novo
À Phénix santa que bendigo e louvo.

CÓRO

Vaso argenteo d'amor, d'onde o jucundo
Aroma se derrama pelo mundo,
D'onde nascem virgíneas assucenas
Olorosas, mellíficas e amenas,
Os zéphyros fagueiros perfumando
Co'o efluvio mais subtil, mais leve e brando:
Eburnea torre de queixosas aves,
Do fragil ninho os sons altos e graves
Suávissimamente despedindo
Com um murmurio saúdoso e infindo,
Quando entre nuvens roseas surge fóra
A reluzente e rubicunda aurora:
Aurea mansão d'innúmeras abelhas,
Beijando flôres niveas e vermelhas,
De jasmim em jasmim, de cravo em cravo
Colhendo o néctar exquisito e flavo

Que da corolla immovel e tranquilla
Entre ondas d'ambrosía se distilla :
Porta celeste e resplendente, aõnde,
Quando o dia claríssimo se esconde,
Durante a noute calorosa e calma
Húmidas folhas d'amaranto e palma
Se erguem, sorvendo o orvalho deleitoso
Em puro enlevo e lânguido repouso :
De ti, MARIA, vêm as esperanças
Que para nós na lactea vía alcanças,
De ti vêm os prazeres e as doçuras
Que para nós com affeição procuras,
Cheia de graça rara que convinha
A quem da côrte angélica é Rainha.
A ti sóbem os sôffregos desejos
Immensos, infinitos e sóbejos
E lentamente as illusões e os sonhos
Pelos ares ceruleos e risonhos.
Ó Mãe d'EMMANUEL, sempre querida
De quem ao summo goso nos convida ;
Por ti, MARIA, os duros soffrimentos
Deixam de sêr penosos e cruêntos,

As longas dôres e os extremos damnos
Deixam de sêr ferinos e tyrannos,
Ó Donzella seráphica e divina,
Em ti se encontra doce medicina :
Flor de Judá, MARIA graciosa,
Lyrio sem mancha e sem espinho rosa,
Salva-nos tu que és cândida e impolluta,
Os nossos hymnos mansamente escuta
E com ternura meiga e beinfazeja
Roga a JESUS amado que assim seja.

da Comedia.

LAUS DEO

INDICE

PAGINA

POESIA LÍRICA

Ode á Lingua Portugueza	5
Soneto I	10
« II	11
« III	12
« IV	13
Cantiga I	14
Esparsa I	15
Villancete	16
Cantiga II	18
Trovas com Echo	20
Esparsa II	22
Coplas	23
Esparsa III	25
Mote	26
Endechas	28

POESIA ÉPICA

Começo do Triumpho	37
Falla da Musa	39
Apparição d'Aphrodite	41
Falla d'Hermes	44
Descripção da Patria da Primavera	45
Catalogo das Musas e dos Poetas	48
Final da Allegoria	52

II

	PAGINA
POESIA DRAMATICA	
Oração a Nossa Senhora de Lourdes	57
Prova da Existencia de Deus	58
Soliloquio d'Adão	62
Falla de Miguel	63
Os Sete Dons do Espirito Santo	66
Hymno Inaugural	67
Nascimento d'Eva	71
Eva em procura d'Adão	72
Falla d'Adão	75
Epithalamio	77
Louvores de MARIA	80
Oração de Raphael	83
Victoria de Miguel	87
Visão da Santíssima Trindade	89
Apotheose	92

OBRAS DE JOSÉ ALBANO

Comedia Angélica	1 vol.
4 Sonnets	»
Triumpho e Allegoria	»
Rimas	»
Argumentos do Triumpho, Allegoria e Comedia Angélica	»
Anthologia Poética .	»

